



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A diversidade memorial acerca da experiência concentracionária dos prisioneiros homossexuais nos campos de concentração nazistas
Autor	KAREN PEREIRA DA SILVA
Orientador	TEMISTOCLES AMERICO CORREA CEZAR

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Departamento de História
A diversidade memorial acerca da experiência concentracionária dos prisioneiros
homossexuais nos campos de concentração nazistas

Autora: Karen Pereira da Silva

Professor Orientador: Temístocles Américo Correa César

O presente estudo propõe-se a analisar a diversidade memorial com relação à experiência traumática de perseguição aos homossexuais durante o Holocausto na Segunda Guerra Mundial. Para tal, propõe-se o estudo dos testemunhos¹ de três homens deportados por homossexualidade e análise de seus relatos: o quanto sua experiência traumática variou de acordo com o contexto, o campo e as relações de poder e submissão que estabeleceram nestes locais enquanto prisioneiros portadores do estigmatizado triângulo rosa. Para tal, enfocaremos como principal aspecto a questão das relações sexuais dentro dos campos de concentração, um fato muito comum e corriqueiro para os triângulos rosa, e como cada um destes homens a vivenciou - ou não.

Iniciaremos abordando sucintamente o período da Alemanha pré-nazismo - onde Berlim era considerada a “capital gay” da Europa com suas inúmeras boates voltadas para aqueles que queriam relacionar-se homoafetivamente - até a fatídica “Noite das Facas Longas”, em 1935, que inaugurou a perseguição institucionalizada dos nazistas aos homossexuais, o que levou à deportação e encarceramento de muitos destes em campos de concentração e extermínio. Após o fim da guerra, o silêncio dos triângulos rosa seria estendido por muitos anos, visto que leis que criminalizavam a homossexualidade seguiam em vigor em diversos países europeus - como o Parágrafo 175, na Alemanha - o que impediu muitos de trazerem seus testemunhos à tona.

Em 1969, ocorre em Nova York, nos Estados Unidos, a Revolta de Stonewall, considerada o marco de inauguração do movimento pela luta dos direitos de pessoas fora do espectro heteronormativo imposto pela sociedade. É a partir daí, com a criação de diversos coletivos gays por todo o mundo, que os primeiros relatos de ex-prisioneiros deportados por homossexualidade começam a ser publicados, inicialmente sob pseudônimos. Porém, mesmo com os avanços dos movimentos pelos direitos que viriam a ser conhecidos como LGBT, a revogação de leis discriminatórias na Europa e o reconhecimento, por fim, da perseguição que os homossexuais sofreram durante o Holocausto, estes permaneceram fora das chamadas “memórias enquadradas”, valendo-se do termo criado pelo sociólogo Michael Pollak. Até os dias de hoje, muitas pessoas não sabem que os homossexuais, juntamente com os judeus e outras minorias, também foram perseguidos e deportados durante a Segunda Guerra Mundial.

Dada à breve problemática exposta anteriormente, nos interessa o seguinte questionamento: **como se deu o processo de construção da memória do Holocausto após o fim da guerra, e como as experiências de prisioneiros homossexuais foram excluídas da memória e dos testemunhos oficiais?**

¹ São eles: HEGER, Heinz. **Hombres del triângulo rosa – memorias de un homosexual en los campos de concentración nazis**. Madri: Amaranto Editores, 2016; SCHWAB, Jean Luc; BRAZDA, Rudolf. **Triângulo Rosa – um homossexual no campo de concentração nazista**. São Paulo: Mescla, 2011; SEEL, Pierre; BITOUX, Jean Le. **Pierre Seel – Deportado Homossexual**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2017.